

Pensando com Marx hoje. Volume IV. Comunismo?^a

LUCIEN SÈVE

Paris: La Dispute, 2019. 675p.

134

Yvon Quiniou^b

O renascimento da ideia comunista segundo Lucien Sève^c

Num contexto em que o fracasso da experiência soviética invalidou o comunismo na opinião pública, Lucien Sève, fiel às suas convicções, pretende renovar sua relevância e demanda em um notável livro "Le Communisme"? Ele o faz como filósofo, mas também como historiador, e nos convida a um novo "objetivo comunista" diante da atual crise ecológica e antropológica.

^a Original: *Penser avec Marx aujourd'hui. Tome IV. Le Communisme?*

^b Filósofo marxista francês, autor de numerosos livros no campo do materialismo, moral e política.

^c Resenha original publicada no portal **Mediapart**, na seção Le Blog de Yvon Quiniou | Tradução: Paulo Alves de Lima Filho.

Disponível em: <<https://blogs.mediapart.fr/yvon-quiniou/blog/011119/le-renouveau-de-lidee-communiste-selon-lucien-seve>>. Acesso em: 10 mai. 2020.



O renascimento da ideia comunista

Lucien Sève é um importante filósofo, tanto pela qualidade quanto pela quantidade de sua reflexão inspirada por Marx, mas que tem o infortúnio (se podemos dizer), por causa de seu compromisso comunista (ele era membro do PCF durante 60 anos), deve ser dito e denunciado, censurado pela maioria dos meios de comunicação... exceto por seu primeiro livro importante, *Marxismo e teoria da personalidade* (1969), que marcará sua jornada intelectual e que foi elogiado magnificamente pelo filósofo cristão Jean Lacroix, quando ele manteve a seção filosófica do *Monde* com notável honestidade. Desde então, nada na grande mídia que, no entanto, frequentemente fale de pensadores muito inferiores a ele, mas sintonizado com a ideologia circundante e ajudando a desenvolvê-la. Situação, a propósito, que ele não está sozinho em sofrer no campo do pensamento marxista ou materialista ...

É por isso que me parece importante falar sobre seu último livro (que será seguido por um segundo volume), por duas razões: ele ocorre em uma tetralogia apresentada em uma introdução (se é que podemos assim dizer) intitulada *Pensando com Marx hoje*. Marx e nós, seguidos por "Homem"? e depois "Filosofia"? e, então, finalmente, "Comunismo"? (t.1). Observemos que cada um desses livros tem mais de 600 páginas e que sua lista simples, estendida por quase 20 anos, é impressionante, especialmente se tivermos em mente, ao lê-los, a qualidade de seu conteúdo e forma. E notemos os pontos de interrogação que seguem cada título: eles sinalizam fortemente que seu pensamento, ao contrário do que seus oponentes podem acreditar e fazer acreditar, que Sève, apesar de suas convicções vivas



(ele não é um sofista nem cético), não é dogmático: ele questiona assuntos importantes da filosofia contemporânea e se pergunta sobre eles, mesmo que isso signifique balançar algumas de suas análises anteriores; e, além disso, suas referências são múltiplas: ele é capaz, quando fala sobre o homem, de confrontar Nietzsche, Freud e Heidegger!

É difícil resumir este livro sobre o comunismo, que acaba de sair, por uma razão básica: seu interesse, e isso explica seu tamanho, reside precisamente na profusão de análises detalhadas sobre o que era o comunismo de Marx e Engels no século XIX e o que ele se tornou "no curto século 20", como ele chama. E essa abundância se desenrola em dois níveis, que ele fundamentalmente deseja misturar ou associar: história empírica, com todo o conhecimento a ser dominado, a fim de justificá-la adequadamente e, da mesma forma, o apelo a conceitos, teóricos ou filosóficos. E apreciei que isso exija esse chamado aos próprios historiadores: porque eles ficam frequentemente na evocação e descrição dos fatos, esquecendo que suas sequências, suas articulações e, portanto, sua causalidade, por exemplo, requerem procedimentos explicativos de natureza conceitual; do mesmo modo, a simples nomeação de certos eventos é, por si só, de uma ordem conceitual: evolução substancial da sociedade, como o Maio de 68, uma revolução, a diferença também é conceitual e é a esse preço que a história pode alcançar um certo nível de cientificidade - que caracteriza precisamente a abordagem sócio histórica de Marx e se entende que a última palavra caiba à história e não à filosofia!

A preocupação essencial do livro (e o prefácio fala muito claramente sobre ela) é entender o que é sobre o que é o próprio comunismo, tanto na pessoa que forjou com mais precisão o conceito (ou a noção, se você



preferir), em uma atmosfera histórica e política borbulhante, onde já foi discutido, mais ou menos confusamente: projeto, ideal ou algo mais? O primeiro termo parece-lhe também separado das realidades concretas das quais apenas se pode pensar, a saber, o movimento prático da história com todos os seus determinismos articulados à economia na qual devemos confiar para considerar o futuro. Este também é o caso da noção de ideal (à qual ele retorna na obra), a saber, de acordo com ele e com base em uma famosa afirmação de Marx de que o comunismo é apenas "o movimento real que abole o estado atual" (na Ideologia Alemã), ele denuncia o aspecto utópico e moralizante (segundo ele: podemos não concordar) para contestá-lo. Resta então, em sua perspectiva, a ideia do comunismo como alvo: manteria a ideia de um objetivo a ser perseguido, mas sem planejamento prévio do futuro, porque levando em conta as contingências ou circunstâncias imprevisíveis da história, que condicionam o devir.

Mas também é importante saber o que aconteceu com essas circunstâncias que frustraram o chamado "comunismo" na URSS e seus satélites e que invalidaram o modelo na opinião pública. Aqui Lucien Sève é claro, duplamente afirmativo, e eu o apoio totalmente. Por um lado, de fato, não era comunismo: o stalinismo era o oposto do que Marx entendia e queria com esse termo, especialmente do ponto de vista da democracia, apesar da expressão "ditadura do proletariado", pouco compreendida¹, do ponto de vista dos direitos humanos, liberdade de expressão, rejeição ao crime em massa, também do desenvolvimento pessoal do indivíduo, ao qual Sève confere especial atenção - o que nos proíbe ver ali, portanto, uma

¹ Isso só pode assumir a forma de "República Democrática", disse Engels no final de sua vida. E no Manifesto a revolução é apresentada como o "movimento da imensa maioria" e não apenas "no seu interesse" - que é uma definição de democracia!



forma de comunismo, mas apenas um "socialismo de estado" de tipo autoritário e sangrento (apesar de incontestáveis conquistas sociais) que têm um nome: stalinismo. Foi isso que falhou e nada mais, ao contrário do que os anticomunistas repetem invejosamente, como sempre, para desviar as pessoas. Mas, por outro lado, deve-se explicar esse fracasso e, mais profundamente, o experimento revolucionário iniciado por Lênin. No entanto, é aqui que o autor apresenta uma ideia que considero bastante nova nele, muito importante teoricamente, de modo substantivo, e que tenho defendido há muito tempo: a transição para um modo de produção comunista, completamente inédito, pondo fim à "pré-história" da humanidade e, finalmente, inaugurando uma história humana real, dominada e livre dos antagonismos de classe e da exploração ligada à propriedade privada da economia, pressupõe, para ele (e este é o teórico materialista aqui quem fala) condições objetivas proporcionadas pelo capitalismo desenvolvido: econômicas, com um forte desenvolvimento de forças produtivas industriais, um grupo social, em grande parte, majoritário, de empregados explorados e ligado, direta ou indiretamente, ao mundo industrial e, como resultado, uma transformação de tipo democrático, com base nas conquistas da democracia política formal. Entretanto, tudo isso não existia na Rússia czarista agrícola, com uma classe trabalhadora muito minoritária, sendo o todo submetido a um poder tirânico. Isso, portanto, condenou a experiência de Lênin ao fracasso. Este é o ponto decisivo, se alguém não quiser se contar histórias, isto é, não entender nada sobre a história². E é por isso que, como uma famosa passagem de A ideologia alemã indica que o autor gosta de se lembrar, o comunismo não é uma

² Podemos transpor em relação à revolução chinesa.



sociedade que "deveria ser criada", peça por peça: possui pressupostos objetivos sem os quais não é historicamente possível: surge, então, de um voluntarismo utópico, com todos os perigos que ocultam a utopia, que infelizmente foram comprovados³. Mas Sève vai ainda mais longe. Ele lembra (o que muitas vezes foi esquecido) que, no final de sua vida, em 1881, Marx havia se correspondido com uma revolucionária russa, Vera Zassoulitch, que alegou que, com base na propriedade comunal russa, de tipo coletivo, a Rússia poderia avançar mais rapidamente para o socialismo do que um país europeu. Marx, com sua abertura habitual, mas também seu rigor, respondeu que não excluía que uma revolução pudesse começar por aí, mas acrescentou imediatamente (comentários de Engels mais tarde) que só poderia ter sucesso com a ajuda de uma revolução no Ocidente que traria suas "conquistas" econômicas (ou "adquiridas") - que não ocorreram desde que foram esmagadas em sangue na Alemanha. Esta é a explicação definitiva para o fracasso que se seguiu, cujos detalhes forneço aqui, que separam cuidadosamente Lenin de Stalin, e este é o grande interesse que tem esse livro para nós.

Deveríamos, portanto, eliminar a noção de "ideal" no objetivo do comunismo, como Marx faz na mesma passagem de A ideologia alemã já citada e como parece fazer, mas às vezes apenas, Lucien Sève? Deixo ao leitor decidir, porque toca a moral na política. Como um ideal pode não ser satisfeito por ser um requisito abstrato e utópico, ele também pode ter um conteúdo moral e, portanto, um senso moral incontestável, que é a profunda reflexão sobre a dimensão humana do futuro comunismo, que inclui parte

³ Sève critica Furet em O passado de uma ilusão. Mas ele esquece que este último definiu corretamente a revolução bolchevique como "um desvio subjetivista do marxismo". Pois seja!



do livro, revela, mesmo sem o conhecimento do autor - uma dimensão que ele sem dúvida desenvolverá no volume 2, final⁴.

Podemos, então, terminar esta breve síntese, examinar a abordagem de Sève para esse futuro e sua necessidade. Problema de vocabulário, antes de tudo: o termo "socialismo" é muito pouco usado em Marx - Sève está certo neste ponto -, que prefere quase exclusivamente o de "comunismo", seguido pelo autor deste livro. Deste ponto de vista, a socialdemocracia é boa para o socialismo e não para o comunismo e a URSS, com todas as suas falhas (e suas poucas qualidades, apesar de tudo, eu indiquei) era um estado socialista autoritário, não uma sociedade comunista. Mas acima de tudo, o que é fascinante em nosso filósofo comprometido é sua opção radical em favor do comunismo, especialmente no momento atual, mesmo que sua realização envolva estágios inevitáveis, mas o objetivo comunista permanecendo ali, animando o todo do movimento de superação do capitalismo. Por que então esta é uma opção que nem sempre está presente entre aqueles que se autodenominam "radicais", "revolucionários" ou mesmo "comunistas" em palavras? Pois é "o tempo presente" que o impõe, de acordo com ele, porque estamos em uma situação que não apenas o torna objetivamente possível (de acordo com as previsões de Marx), mas

⁴ Lembro que o filme muito bom O jovem Karl Marx apresentou um Marx hostil a discursos morais e impotentes, segundo ele, dos apoiadores da Liga dos justos. E é nessa base que exige que nos refiramos aos interesses materiais dos homens, que ele compreendeu e depois, com Engels, escreveu o Manifesto. Mas direi de pronto: esse é apenas um aspecto do relacionamento de Marx com a moralidade. Veja meu livro A ambição moral da política. Mudar o homem? (L' Harmattan). Mas Sève parece concordar comigo, mesmo que neste livro ele fale apenas brevemente, por alusões e sem fazê-lo conceitualmente.



subjetivamente necessária ou exigível em escala mundial⁵. Ao mesmo tempo, o capitalismo atingiu um ponto limite se o considerarmos do ponto de vista econômico (a crise de 2008 provavelmente ocorrerá novamente, de acordo com especialistas), mas estamos na presença, segundo ele, de uma dupla crise geral: ecológica com os danos que o produtivismo, centrado na busca apenas de lucro financeiro, causa na natureza e, portanto, no homem, uma vez que faz parte dela, a ponto de o futuro da espécie humana estar em jogo - todo mundo admite, mas não querem levar a consequências práticas; mas também crise antropológica no sentido de que, por exemplo, a produção capitalista, estendida por toda parte, estraga os homens⁶, impede seu "livre desenvolvimento pessoal": não reagir diante dessa situação global onde os humanos se encontram, diz-se, com razão e seriedade, demonstraria uma "pusilanimidade mortal". Pelo contrário, o "objetivo comunista" pretende garantir esse "desenvolvimento pessoal" para todos, com base nos requisitos que Marx, e somente ele, formulou para aquele, o que o distancia de todo produtivismo: quer suprimir as múltiplas formas da alienação contemporânea: econômica, social e política, mas também a que afeta os homens na atualização de seus mais gratificantes potenciais de vida⁷. Isso já havia sido destacado em seu livro, escrito com seu filho Jean, historiador,

⁵ Discutir esses dois termos já seria iniciar um debate substantivo sobre moralidade (distinto da ética) na política e o significado moral do comunismo.

⁶ Pense na pobreza, no desemprego, no sofrimento no trabalho, nos suicídios que se seguem e cujo número está aumentando de maneira assustadora!

⁷ Este conceito antropológico (ou categoria) de alienação é essencial para dar sentido à crítica do capitalismo e pensar no comunismo como uma emancipação universal. Pelo qual tocamos novamente a moral que requer o respeito dos seres humanos. Já era a proposição imperativa dos Manuscritos de 1844, muito pouco conhecida em minha opinião.



Capital exit ou catástrofe (La Dispute), mas, obviamente, é o próximo volume que nos dirá mais sobre isso. Estamos ansiosos por isso!

Paris, 01 de novembro de 2019

142

Recebido em 01 mai. 2020 | aceite em 13 mai. 2020

